

7. Conclusão

Falando de história e ficção, primeiramente vemos que:

A história tem sua origem ligada ao mito, aos poemas épicos e à tragédia. Começamos, então, a perceber que, desde o início, concepções como história e ficção que hoje se confundem, tiveram suas raízes já entrelaçadas em seu amanhecer.

A história como um álbum de fotografias, depende de uma narrativa para criar uma história com o material de que dispõe, até o momento insípido. Até chegar alguém que começa a reconhecer locais, fatos, circunstâncias e a unir pares que com a imaginação vão formar um episódio familiar, enfim montar uma história e acreditar nela sinceramente, como aconteceu no enredo de *O Vendedor de Passados*.

O que nos conduz a pensar que entre o ideal e a história, se abriga a estética do relato, um fenômeno de transculturação que reafirma que pode ser mais importante do que ver ou ter uma informação, a interpretação daquilo que se viu ou não, mas que tem a confirmação do que está escrito.

Assim o mundo se dividiria em construções de histórias -- de ficções individuais e de ficções coletivas-- aquelas que podem ser partilhadas por uma comunidade inteira.

Será que poderíamos, então, pensar que história e ficção são fábricas de produzir as vidas que desejamos ou as vidas que nos interessam ter?

Seguindo esta idéia, aparentemente absurda, entendemos que assim se formam as identidades pessoais, ao longo dos anos, e as identidades das nações, movidas pela necessidade de se construir uma história para contar a respeito de seu nascimento, um registro que depende das circunstâncias econômicas e sócio-políticas, além da imaginação de seu construtor ou construtores.

Dentro do terreno das histórias inventadas ou não: Há mentiras generosas que podemos chamar de falseamento, porque abrandam seu sentido nocivo e há mentiras catastróficas, com tamanha combustão como na *“Implosão da Mentira”* que mesmo sendo contida ou dissimulada, se não explode para fora, vai acabar

explodindo por dentro, ou melhor, implodindo, gerando um estrago, nem sempre contornável para a sociedade que a abrigou.

Pensando numa perspectiva histórico-geográfica, ou espaço-temporal do Ocidente, na época dos descobrimentos, veremos que só havia a Europa e nela se reduzia a imagem do mundo. A Índia era o espaço de lendas exóticas sobre um lugar distante e desconhecido, a não ser pela venda das cobiçadas especiarias trazidas por uns poucos aventureiros que lá estiveram. Havia também uma imagem embaçada e pouco localizada, a que davam o nome de Índia, não importando muito a exatidão do seu território. Pois África e Ásia se localizavam na Índia também.

O desconhecimento e a fabricação cartográfica dos mapas-múndi faziam parte das manipulações ardilosas da conveniência dos projetos humanos.

História, religião, economia e a política dos Impérios giravam em torno dos interesses momentâneos acobertados por teorias humanísticas mal confeccionadas que, na verdade, não passavam de subterfúgios mercantis para políticas engendradas. E foi assim no início, no meio e no fim de eras com civilizações com grandes avanços tecnológicos, mas que se deixaram corroer desmesuradamente pela cobiça e foram por ela totalmente devastadas, revelando o despreparo de mínima parcela para lidar com a escalada das questões humanitárias.

O povo, ou a grande parte da população não possuía idéias próprias, seguiam a corrente que era absorvida pelos da terra e pelos do mar.

Após a 2ª Guerra Mundial com a incidência de algumas explosões atômicas devastadoras, evidenciou-se a fragilidade do mundo e da existência humana. Cada ser humano mantido sob ameaça de extinção, parece ter criado artificialmente como defesa um dispositivo de alarme de sobrevivência, onde se instalam as mais diversas crenças, que dispara frente a quaisquer transformações radicais no panorama cósmico.

Por isso, o mundo na modernidade permanece vivendo sob esta e tantas outras ameaças constantes, e qualquer sinal torna o homem acovardado perante uma luta desigual.

Ultrapassando as brutais explorações do homem pelo homem, surgiu a escalada da descolonização universal dos impérios e tudo pareceu mais sutil e começou a mudar no planeta, efetivamente.

Após a descolonização, Portugal obteve o maior prêmio da literatura mundial. O Brasil tem hoje uma literatura lida e reconhecida pelo mundo; enquanto parece ter chegado o momento da literatura africana, que desperta profundo interesse nos leitores do mundo inteiro, como se ali pudéssemos beber os últimos goles da relação mito e história. Desvendar o último continente exótico, nos deliciar com o contato com o homem mais ingênuo, mais primitivo. Destas relações entre “desiguais”, entre colonizadores e colonizados que tentam tomar posse de si e de seus destinos, encontramos Angola que percorre nesse momento trilhas já visitadas por todos nós, brasileiros, há relativamente pouco tempo atrás.

Recobrem-se na trama artística subjacente, modos impactantes sobre antigas e novas concepções da ciência histórica deflagrados pela velocidade ou pelo ritmo do progresso que é irreversivelmente marcado pela política e economia na idéia de multiplicidade dos tempos sociais.

Poetas e escritores são obrigados a construir um antimíssil por dia, intermediando guerras humanas, aliviando tensões, ao mesmo tempo em que denunciam e alertam para o caos sempre pronto a emergir.

A Implosão da Mentira criou um jogo de estratégias em que a palavra corta, recorta e se mostra corrompida quando detecta a mentira. E faz transparecer a verdade embutida na mentira construída na ruptura de termos que se abalam, se transformam clareando o processo de montagem e desmontagem da palavra poética.

A Carta de Caminha alardeou mensagens falsas ao mundo crédulo à veracidade da escritura. Tão maravilhados estavam os habitantes do Novo Mundo em descobrir novas terras, novas riquezas que lhes sustentassem as idéias de fama e riqueza que não atentaram para a violência empregada contra os índios, nem tão pouco quanto aos saqueamentos administrados mar afora, tão sugestionados estavam também os escrivãos em desculpar os equívocos cometidos na intencionalidade de encobrir e “alindar” a narrativa e satisfazer os desejos monárquicos.

A palavra, o discurso, a narrativa são construídos com material incandescente, daqueles que despertam as paixões.

O discurso é arma e denúncia e também alento. É luta e também o colo e a fuga para uma ilha paradisíaca. É a viagem refundadora do “*Conto da Ilha*

Desconhecida” que alude a tradição, que repele a gênese, e como tal, subverte e reconstrói o mesmo caminho do homem primitivo, marcando pela diferença, o transbordar do lirismo e da beleza que geram o encantamento necessário à sobrevivência do mundo.

E O Vendedor de Passados que parece ter sido escrito para reiterar algumas assertivas colocadas em discussão neste trabalho, simula um universo fantástico e acena com um patrimônio comum a toda a humanidade, o acolhimento de valores esquecidos e descartados. Enfrenta os impasses de guerras e conflitos com lucidez e perspicácia, dilui efusões de ufanismo gratuito, que não passam de “complexo de vira-latas”, conforme, nos esclarece os escritos de Nelson Rodrigues em diálogo com Pópilas, a lagartixa intelectual, que segundo Agualusa, surpreendentemente, nos revela ser a reencarnação de Borges no romance, de acordo com a entrevista em anexo.

Fazendo, portanto, um breve retrospecto dos capítulos e das obras analisadas, neste estudo, que discute qualidades, contradições, limites e fronteiras dos textos, encontradas nas interpretações dessas obras que se consolidam mais em perguntas do que em respostas, ao indagar a inter-relação entre os discursos históricos, documentais, literários e ficcionais que vão do mito à história, do ensaio à epopéia, do poético à realidade ficcionalizada, numa trajetória de classificação literária complexa e problemática.

Neste estudo combinam-se gêneros os mais diversos, como os de uma carta-documento histórico à narrativa ficcional, que, por sinal, não apresentaram grandes alterações construtivas ou estruturais nos discursos enfocados, talvez por serem obras trabalhadas com alto grau de abertura que puderam suportar adaptações e releituras com propostas de natureza etnológica, estética, psicológica ou histórico-ficcional.

Este estudo colocou no palco e alinhavou algumas naturezas discursivas que tangenciam o drama historiográfico de três nações com abordagens irônicas, poéticas que beiram a epopéia fundacional que se entrecruza com as estranhezas do humor combinando elementos negativos, primitivos, positivos, culturais, nobres e populares submetidos ao poder religioso, político e econômico dos impérios.

Sob nova ótica, os autores trabalharam estas narrativas como denúncia e subversão dos caminhos, anteriormente, trilhados pela tradição.

Nas epopéias desenvolvidas pelo avesso, os autores se ocuparam de personagens que não são mais nem titãs, nem heróis, são gente comum com fraquezas humanas envolvidas por desejos, medos, amor, paixão e sonhos.

Inesperados encontros transcorreram por conta da inversão do olhar autoral que redesenhava as imagens bem adiante do cerne vigoroso da montagem das suas nacionalidades.

Foi acompanhando de perto esse novo olhar em que se revelam estranhas epopéias, nas quais, os heróis são, na verdade, os vencidos e as narrativas deixam transparecer as idéias latentes potencializadas pelas circunstâncias históricas enganosas entre informações errôneas e testemunhos construídos que, em larga medida, se uniram aos narradores das obras que vão mais e mais se envolvendo com o próprio texto, criando resistência ao jugo tradicional e, como a cobra que morde o próprio rabo, partindo do intuito histórico inicial ao se renderem à sedução ficcional.

A ficção é um discurso inflamável e todos os que a rodeiam acabam, irremediavelmente, envolvidos.

O que nos leva a perguntar: Até que ponto a história, a verdade, a realidade foram antropofagicamente consumidas pela ficção? Ao que nos leva a afirmar que esta é mais uma pergunta que se deixa para o futuro.

Entretanto, vale ressaltar, seguindo Burke, que tanto os estudiosos da literatura quanto os historiadores culturais terão que redefinir seus focos, refinar suas categorias e aguçar suas técnicas da escrita.